

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
COMUNICAÇÃO SOCIAL-JORNALISMO

JAMÍLIA APARECIDA LOPES SOARES

UM CORPO DE MULHER ATRAVESSADO PELA DEFICIÊNCIA:
Narrativas, experiências e contextos numa pesquisa comunicacional guiada por afetos

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra
Co-orientadora: Jornalista e Mestranda Renata Maria Bittencourt Gomes

Viçosa, MG
2023



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

FOLHA DA BANCA

Monografia intitulada *“Um corpo de mulher atravessado pela deficiência: narrativas, experiências e contextos numa pesquisa comunicacional guiada por afetos”*, de autoria da estudante Jamília Aparecida Lopes Soares, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra - Orientador
Curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFV

Renata Maria Bittencourt Gomes - Co-orientadora
Jornalista e Mestranda em Educação pela UFV

Prof^a. Dr^a. Kátia de Lourdes Fraga
Curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFV

Prof^a. Dr^a. Mariana Ramalho Procópio Xavier
Curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFV

Viçosa, dia ____ de _____ de 2023.

EPÍGRAFE

"Nenhum afeto está ganho, afeto precisa de manutenção, de escuta e de presença"

(adeusverde)

AGRADECIMENTOS

Esses se fazem fundamentais, agradecer é reconhecer a importância que a gratidão tem para o meu ser. Tenho um pouco do outro na minha formação enquanto pessoa, que está no meu coração e nos passos que vou dando por aí. O meu agradecimento inicial é direcionado a Deus, a razão pela qual a minha luta continua. Também a minha família, meu pai, Paulo, o meu irmão, Jamilton, a sua esposa, Emília e seus filhos, Lis e Davi, a minha irmã Janice e seu companheiro Geraldo Magela, em especial a minha mãe, Aparecida Maria, a minha tão amada e iluminada avó, Maria Luiza, elas, são o meu maior incentivo e coragem. Vou citar diretamente ele, Alvaro Bhering, o amor que me encontrou aguardando por ele nesta etapa final. Ele é, no momento presente, um enorme incentivo e apoio.

Claro que, agradeço a presença e as intenções de todas as pessoas que me desejam e me querem bem. Aos doutores e mestres do departamento de Comunicação Social e Jornalismo, em especial, ofereço meu agradecimento à professora Kátia Fraga, ela é parte essencial da bagagem que levo desses anos de graduação, de formação. Servidores Técnicos Administrativos do departamento, pessoas que também são fundamentais para a construção do nosso conhecimento. Colegas da turma de Comunicação 2018, turma que me trouxe diferentes aprendizados ao observá-los, e no contato mais direto com alguns no decorrer deste processo de aprendizado profissional, o qual não desconecto o aprendizado pessoal. Todos os que me afetaram e aqueles que, de alguma maneira, seguem me afetando, caminhando comigo, vocês são parte da minha conquista ao final desta etapa. Esta, que é mais uma entre tantas outras que vou seguir buscando por conhecimento, sabedoria e por merecer.

Quero poder trabalhar e me relacionar com pessoas diversas, para também aprender todos os instantes no meu processo de vida. Logo, já agradeço todos aqueles que cruzarem o meu caminho e juntos termos a oportunidade do convívio, da troca e da soma dos nossos afetos.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso busca narrar experiências e contextos que emergiram quando um corpo de uma mulher, autora deste trabalho, foi atravessado pela deficiência. A partir das discussões conceituais sobre acontecimento e comunicação, a pesquisa é guiada pela abordagem dos afetos, a partir da qual narrativas são apresentadas, com o intuito de revelar os contextos comunicacionais que emergiram diante de um corpo, este que passa a vivenciar a condição de deficiência no mundo. Como resultados, o trabalho propõe, a partir de tais narrativas, compreender como a comunicação é campo capaz de revelar nuances de experiências, anunciadoras de desafios, dilemas e tensões de nosso próprio tempo, tendo como foco empírico a emergência de um corpo feminino marcado pela condição de deficiência.

PALAVRAS-CHAVE: Afetos, comunicação, acontecimento, deficiência,, experiência.

ABSTRACT

This course completion work seeks to narrate experiences and contexts that emerged when a body of a woman, author of this work, was crossed by disability. From conceptual discussions about events and communication, the research is guided by the approach of affections, from which narratives are developed, with the intention of revealing the communicational contexts that emerged in front of a body, this one that starts to experience the condition of disability in the world. As a result, the proposed work, based on such narratives, understands how communication is a field capable of revealing nuances of experiences, heralds of challenges, dilemmas and sufferings of our own time, having as an empirical focus the emergence of a female body marked by disability condition.

KEY-WORDS: Affects, communication, event, disability, experience.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 9 |
| 2. CAPÍTULO 1: AS NARRATIVAS DOS OUTROS SOBRE O ACONTECIMENTO 17 | |
| 3. CAPÍTULO 2: OS CONTEXTOS INAUGURADOS PELO ACONTECIMENTO | 18 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 19 |
| REFERÊNCIAS | 20 |

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está orientado para uma direção que privilegia os aspectos afetivos da vida e daquilo que impulsiona o comum, o banal. E tais descrições vão narrar a maneira pela qual os impactos próprios aos afetos ordinários formam o sujeito, revelando suas capacidades para afetar e ser afetado, nos sendo cara a noção de acontecimento. Afinal, o acontecimento é um fenômeno que acontece e muda, inaugura uma nova época, inaugura uma nova pessoa e um novo contexto.

O que acontece quando uma vida é alterada significativamente - e quando um corpo de uma mulher é atravessado por uma condição de deficiência? Quais contextos e relações emergem? Tais perguntas se propõem a indicar qual é o contexto principal desta pesquisa, que tem como recorte a experiência do acidente que vivenciei.

E quem sou eu? Chamo-me Jamília Aparecida Lopes Soares e, atualmente, tenho 36 anos. Aos 22 anos, fui afetada por um acontecimento, que senti literalmente no corpo e que dividiu a minha história de vida em dois momentos, sendo estes: até os 22 anos, a idade com a qual vivenciei o acidente no dia 26 de abril de 2009; e a partir dos 23 anos, completos no dia 02 de maio, ainda em estado de coma no CTI.

E é justamente para a conclusão da minha trajetória acadêmica que me volto a narrar afetivamente o meu sobre-viver, após o fatídico acidente, e me proponho a contar sobre as reflexões que me atravessam, sobre o (s) meu (s) acontecimento (s) - reflexões que tive e que ainda tenho, pelas quais eu sei que terei, pois estou sempre em busca do novo, do que pode vir a preencher as lacunas que tenho.

Tenho os meus anseios, a iniciativa de ir fazer acontecer, não fico à espera que me tragam pronto e estar vivenciando este momento final da minha graduação, com a produção deste trabalho final de conclusão de curso, faz com que me sinta afetada e emocionada por estar neste lugar, na posição que me encontro em termos de crescimento. A minha conquista, é também da minha família, dos meus educadores.

Nada sou, sozinha. Se tenho a oportunidade de me formar em uma das melhores Universidades públicas do país, é também pelas políticas públicas que tive acesso, pela minha busca constante, pelo novo, pela mudança que vai acontecendo.

E para além de pesquisar o contexto do meu acidente, penso na importância de estudá-lo na comunicação, pois o acidente pelo qual eu sobrevivi, poderia ser estudado em outros campos de estudos, como: psicologia, Ciências Sociais, Letras e em outras áreas afins. Porém, como pesquisadora da Comunicação, quero olhar para os contextos que emergem com os acontecimentos, olhar para as relações, entendendo que a comunicação é:

o processo comunicativo, de algo vivo, dinâmico, instituidor – instituidor de sentidos e de relações; lugar não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente; espaço de realização e renovação da cultura. É promovendo essa interseção que o viés comunicacional se coloca e se legitima como de fato um outro “ponto de vista” (ponto de onde se vê); um lugar frutífero para analisar e compreender a realidade em que vivemos. Comunicação é um processo de troca e de sentidos - o lugar da Comunicação. (FRANÇA, 2001, PÁG 16).

E penso no acidente por um viés comunicacional justamente por entender como ele instituiu sentidos, como tal episódio agregou percepções e valores para a minha vida, uma vez que foi necessário (re) organizar os modos, as escolhas, os olhares e minhas perspectivas. Os nossos êxitos e alcances acontecem quando existe o movimento de busca, todo o meu processo foi válido, grande e renovador. E me chama atenção o fato de que ele começou bem antes de fazer a escolha pelo início da minha rotina acadêmica (no dia sete de março de 2016). Afinal, eu poderia não ter tido esse privilégio do ensino superior público, mediante tamanha gravidade e o meu estado de saúde, que era considerado duvidoso.

E a metodologia afetiva contemplou os meus anseios, uma vez que privilegia os aspectos afetivos da vida e daquilo que impulsiona o comum, possibilita angulações que eu me identifico. Sobretudo a noção de virada afetiva, que Moriceau (2019), considera ser muito mais que produção de conhecimento, ele nos aponta os afetos como uma possibilidade privilegiada para estudar a comunicação, sobretudo em relação aos assuntos importantes de serem debatidos na nossa sociedade, como as questões de gênero, vulnerabilidade e desigualdade social.

Segundo Lingis, A virada afetiva como ética trata-se de uma pesquisa que está no centro de três relações éticas, a relação com a diferença, a relação campo estudado/leitor e a relação com o leitor - esses, são aspectos que definem uma ética do encontro como doação e gratidão (e, portanto, a partir do exterior), uma ética da surpresa e da aprendizagem”.

Para Alphonso Lingis, a pessoa em si mesma não é um objeto de estudo, algo para ser estudado. (JEAN-LUC MORICEAU, 2019, p. 41)

O meu corpo e as suas experiências são as narrativas desta pesquisa, baseada na minha essência e nos meus afetos. Sou mulher, com histórias e claro, com aprendizados mutuamente, mas a minha devida atenção está em captar conhecimento e no meu crescimento pessoal e profissional. Segundo MARQUES et. al. (2021, p. 11), “o afeto nos coloca em posição vulnerável de abertura e de recepção. Ele é a sensibilidade que nos abre ao outro, a outros sentidos”. Nesse lugar,

O pesquisador passível de ser afetado é um pesquisador vulnerável. A voz que se expressa, por ter sido invadida pelos afetos, é a voz destituída da autoridade do cientista, é a voz de quem ainda não sabe, de quem escuta, de quem acolhe para aprender. Uma voz desamparada, desestabilizada. É o oposto da voz do pesquisador que se sente seguro a partir do uso de seu conhecimento, que produz razões e julga. O oposto da voz professoral. A voz em exposição sente que ela pode compreender.

A minha percepção é ainda mais sensível, o que torna constante a minha dor, devido às fragilidades da humanidade. Me afeta as condições de miséria, de fome, da desigualdade social que grita nos olhos das pessoas, das crianças que já nascem imersas no sofrimento de uma sociedade que exclui o diferente, que nega esse outro. Todos os que estão fora dos padrões ditados por um ideal de perfeição, sofrem de alguma forma por esse olhar que condena.

Sou afetada constantemente pela vida, não somente, quando fisicamente o acidente cruzou a minha história e mudou o meu caminho. A mudança foi efetivamente para o melhor que poderia naquele momento, mas me encontro, ainda buscando por sentidos.

A escrita afetiva é, de fato, uma fonte de experiência. Ela retém um elemento de estranheza e desestabilização, para precisão e autenticidade do testemunho e para nos levar a (re)pensar. É a reflexividade do leitor que é visada, não seu assentimento ao nosso ponto de vista e, portanto, muitas vezes o texto não indica uma resolução. O autor pode indicar aquilo sobre o que o encontro o fez pensar, mas nunca sob a forma prescritiva do que pensar sobre ele, apenas como uma proposição de sentido a ser discutida. (MORICEAU, 2019, p. 21)

Tenho no corpo essa relação com a diferença, me aprofundar para melhor compreender essas relações me motiva, por isso o meu interesse profissional e

pessoal nos estudos que envolvem comunicação e afetos. Ressalto que, essa é uma maneira de agradecer pela mudança que eu tanto quis que acontecesse, apesar de outros pesares.

Com Alphonso Lingis, o outro não é estudado, ele não é um objeto de estudo. O encontro, o estranho, a surpresa afetam e acionam o pensamento. O encontro com o rosto nu e precário do outro é imperativo e doação. Ele afeta não apenas nossa sensibilidade, mas também nossas ontologias e categorias: o mundo como definido pelo conhecimento estabelecido ou pelo autor. O encontro é uma doação: o dado da fenomenologia, mas acima de tudo um presente trazido pelo outro e o receber com abertura, que dá a experimentar e a pensar - (JEAN-LUC MORICEAU, 2019, p. 42 e 43)

Por isso o esforço em pensar a partir da minha experimentação, me faz chegar ao seguinte problema de pesquisa nesse trabalho: quais contextos e relações emergem, na existência contemporânea de um corpo de uma mulher, quando o mesmo é atravessado por um acontecimento, gerador de uma condição de deficiência?

De tal modo que a finalidade do presente trabalho é de buscar compreender o atravessamento que me atingiu, o qual mudou tudo ao meu olhar e trago aqui as minhas atuais reflexões. Nesse movimento, é possível perceber que os contextos das relações são outros, pois não sou mais a mesma, um contexto apareceu e outras relações também apareceram.

Por tudo isso, o objetivo geral do trabalho é narrar as experiências de um corpo de mulher atravessado por um acontecimento gerador de uma condição de deficiência.. Como objetivos específicos, o trabalho busca : 1) narrar as experiências e entender como esse acontecimento inaugura a existência de um outro corpo a partir da narrativa dos outros, do que me contaram, das memórias que soube pelas pessoas - objetivo este que será atendido no primeiro capítulo deste trabalho; e 2) abordar quais são os novos contextos que foram e são inaugurados por esse corpo, com quais atualizações que esse corpo precisa lidar a partir de então - objetivo atendido pelo segundo capítulo desta monografia.

Capítulo 1 - As narrativas dos outros sobre o acontecimento

Todos os próximos dados aqui expressados são, na verdade, um compilado de informações obtidas por meio de documentos oficiais, tais como boletim de ocorrências, prontuário e laudos médicos, atrelados às narrativas das pessoas que estavam/são próximas a mim, como meus familiares, amigos, profissionais da saúde, alguns conhecidos, e a própria experiência no corpo.

Aconteceu no final da tarde do dia 26 de abril de 2009, domingo, por volta das 17h45, um acidente automobilístico na avenida Oráida Mendes de Castro, na entrada do distrito de São José do Triunfo, em Viçosa - Minas Gerais. E o que mais chama atenção neste acidente é que eu fui uma das vítimas, estava com o meu companheiro, no banco carona.

Houve uma colisão entre a motocicleta em que estávamos e um animal, especificamente um cavalo, que acabou falecendo no local em função das grandes proporções do acidente. Já eu e meu companheiro fomos socorridos por moradores da comunidade e levados para o Hospital São João Batista (HSJB), local que, até então, era referência em receber pessoas envolvidas em acidentes.

Antecipo, de modo resumido, que o diagnóstico do meu então companheiro foi de fraturas na face e o meu foi de traumatismo crânio encefálico (TCE) e paralisia completa do membro superior esquerdo por lesão de plexo braquial. Dito isso, reforço que apesar da tentativa, não há como resumir um evento traumático dessa proporção, tampouco resumir o que aconteceu e/ou acontece comigo.

Por isso retomo, ainda que de forma cronológica não linear, aos detalhes, afinal, “uma parte de mim desacredita e a outra busca forças para prosseguir, emprestando voz à esperança. Enquanto houver amanhecer, estarei pronto para dizer aos dias que estou pronto para viver” (CHALITA, 2023).

Tempos depois, me disseram que fui arremessada em torno de seis metros do local da batida, o que me deixou inconsciente, em coma e com sequelas definitivas. Ouvi

relatos de que fiquei irreconhecível naquela noite de domingo, estava com a cabeça grande, inchada. Cheguei ao hospital com a roupa rasgada, e, seguindo o protocolo de segurança com as vítimas, os enfermeiros que me receberam, cortaram a minha roupa do corpo e depois entregaram para algum familiar dar um fim naquele material. Foram dezenove dias internadas: desses, os oito dias iniciais em coma e, mesmo depois, quando fui transferida para o quarto, local em que as visitas podiam entrar para me ver, eu não me lembro absolutamente de ninguém e de nada. Tudo isso fortalece a importância das informações e narrações a mim confiadas.

Fiquei internada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), e agradeço esse projeto de assistência que, sim, precisa de muitos investimentos, mas que já fornece um apoio básico para a população, é inegável. No início eu não tive um médico particular específico para me assistir de perto, foram vários os profissionais da saúde que acompanharam o meu caso. Uma salva para este relato, que é muito importante em todo este processo que passei, marcou esse ocorrido: um dos médicos comunicou aos meus familiares, que, segundo ele constatou, eu não estava respondendo a nenhum estímulo e, que eles e as pessoas próximas podiam subir até onde eu me encontrava, ainda em estado de coma para me ver, imagino eu que para se despedirem.

É delicado pensar na outra possibilidade que eu tinha, no fim da minha experiência humana na terra. Foi tudo real, o sofrimento, as angústias, a expectativa por notícias, os dias, a minha ausência nos lugares onde de costume eu estaria, o tempo que fiquei dentro de um hospital, isso, que eu não vi e nem senti nada acontecendo.

E cinco meses depois do acidente, especificamente no dia 24 de setembro de 2009, fui submetida a um tratamento cirúrgico com micro neurografia, que trata de uma sutura do nervo com o uso do microscópio cirúrgico, tendo como objetivo restaurar a ligação de um nervo seccionado. Evolui com recuperação parcial dos movimentos com flexão de dedos e punho.

Em 20 de outubro de 2011, fui novamente submetida a cirurgia de transposição tendinosa. Me recomendaram sessões de fisioterapia e eu segui com a fisioterapia por um certo tempo após as cirurgias. Depois foi recomendado que eu fizesse durante a minha vida, não para recuperar algum movimento, mas para não atrofiar as musculaturas do membro esquerdo, além da aparência física do braço. O que já aconteceu naturalmente em alguns lugares do braço e da mão por ser natural da lesão. Claro que, cada lesão de plexo braquial tem a sua complexidade e um nível de gravidade, vale ressaltar.

E que no meu caso, mesmo se alguém movimentar o braço ou eu mesma, tenho limitações de extensão e amplitude. Fato é, estou aqui contando essa história que aconteceu comigo, foi vivida no meu corpo, lembrando que:

"O verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Se ele acontece a alguém, isso quer dizer que ele é suportado por alguém. Feliz ou infelizmente. Quer dizer que ele afeta alguém, de uma maneira ou de outra, e que suscita reações e respostas mais ou menos apropriadas. É porque ele acontece a alguém que ele «se torna»" (MARQUES et. al.,2021, p.13)

E se tornou o acontecimento principal da minha vida, uma vez que é a partir dele que faço marcações e leituras de tudo que me acontece, dos que estão por perto e tantos outros que pensam que estão, mas não. As lágrimas, as sensações e todas as observações ficaram registradas em mim, o meu ser nesses anos foi bastante atingido. Nada de rancor, não sou dessas, mas declaro, eu vivo bem o que me toca.

Ainda e recentemente, no ano de 2022, na semana de Natal e seguinte, respectivamente, ouvi dois relatos que me emocionaram. O primeiro foi de uma prima, que me contava a sua reação ao ler o meu convite de formatura - naquele período eu estava fazendo as entregas - e ela disse que além de se emocionar com as minhas palavras de agradecimento, veio em sua mente imagens do que ela viu e sentiu com tudo que me aconteceu.

Ela disse algo que eu soube em partes, sobre eu ter tido morte cerebral, isso sim, as que seria caso de fazer as doações dos meus órgãos, isso não. Claro que, são as narrativas e interpretações das pessoas, que estavam acompanhando por outro lado. Sou a filha caçula: desde o nosso nascimento os meus irmãos e eu tivemos os cuidados das nossas tias, as irmãs do meu pai que auxiliavam a minha mãe que sempre precisou de uma atenção especial com a sua saúde. Tia Ana, ainda solteira, foi a tia que começou a ficar em casa com a minha mãe, tempos depois ela se casou e a tia Regina, adolescente, que passou a ficar com a minha mãe. Essa tia me trás lembranças da infância, ela me contou que, na semana em que recebi alta médica, exatamente na semana do dia 15 de maio de 2009, ela questionou a decisão do médico responsável por acompanhar a minha internação e chegou a falar como é possível me darem alta médica, nas condições que eu ainda me encontrava naquele hospital. Eu não falava, não andava, usava fraldas. Segundo ela e todos os outros que estiveram ali para me acompanhar, podem afirmar este fato, estava aprendendo a falar,

a comer, a andar num outro momento, eu era carregada por alguém. Na noite que ela passou no quarto comigo, disse que era necessário ficar acordada o tempo todo, eu estava bastante inquieta, queria puxar a sonda que usava no nariz. Como ela mesma reforçou as minhas condições naquele momento da minha vida, “você teve que aprender tudo outra vez, a falar, a abrir a boca, a comer, a andar”. O quanto eu tenho de incentivo para realizar infinitas reflexões sobre a minha grande vida, isso mesmo, eu preciso olhar para a minha vida como grande, como o Deus que age sobre ela.

Recebi o relato de pessoas de diferentes crenças, mas que comungavam da mesma intenção, a minha recuperação. Oraram, rezaram o Santo Terço em voz alta, com fervor, clamando a Deus pela minha vida e também pela vida da pessoa que passou parte dessa experiência comigo.

Outro relato de uma desconhecida, até então não mais uma desconhecida. Ela se chama Célia Machado, moradora do distrito de Cachoeira de Santa Cruz, distrito que está localizado depois do meu bairro. Ela me perguntou com todo o cuidado se poderia me dizer algo que o coração dela estava lhe pedindo pra me dizer. Respondi que sim, então ela me disse; o quanto é feliz por me ver bem, viva, saudável, bonita e sorridente.

Tudo o que aqui está descrito, são aspectos afetivos da minha personalidade e que impulsionam o comum, o que pode parecer insignificante para muitos:

Nos textos, o afeto comum simultaneamente se apresenta carregado de particularidades e como possibilidade de criar experiências responsáveis por moldar o sentimento do público, as dinâmicas culturais e as sociais do mundo político. (...) Olhar para a pesquisa tendo o afeto como lente investigativa nos faz perceber a consistente, ampla e intrincada rede de conexões que se expande sobre os territórios da vida ordinária. Portanto, este tipo de pesquisa exige outro gesto da pessoa pesquisadora, um movimento de integração e não de distanciamento do fenômeno pesquisado. O fenômeno dá-se a ver como sintoma, como indicio, como manifestação da vida vivida também por quem a pesquisa. O ser que investiga está imerso naquela rede de acontecimentos, afeta e é afetado por ela. (MORICEAU, 2019, p.20)

As intensidades e as banalidades das experiências comuns me chamam a atenção para a intimidade das práticas que estão carregadas de emoção, que são percebidas no corpo e nas nossas relações.

Capítulo 2 - Os contextos inaugurados pelo acontecimento

Os meus afetos iniciais e as minhas primeiras lembranças, são recortadas pelas experiências vividas anteriores ao acontecimento, mas não claramente de tudo, normal. Não fazia comparações de antes e depois. No decorrer do tempo, aos poucos, fiquei me questionando se eu era considerada uma pessoa PCD (Pessoa com deficiência) pela seriedade da perda que tenho e adquirindo aos poucos conhecimento dos direitos que por lei, me inclui. Descobri que para comprovar algum comprometimento com a saúde é necessário apresentação de laudos médicos, geralmente é aceitável dos últimos três meses, necessário que conste a data mais atualizada possível, aceitável a data entre os últimos três meses, assinatura e carimbo do médico responsável pela patologia, mais o número do seu CRM.

O que tive que enfrentar e os meus primeiros desafios foram inicialmente a insegurança de não saber se eu era considerada uma pessoa com deficiência, depois quis conhecer aos poucos sobre os direitos reservados para essas pessoas com deficiência, hoje, tenho conhecimento de garantias que são reservadas para este público que vive com algum tipo de limitação, pois as deficiências são múltiplas. Segundo, a LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Conforme o art. 1º, é instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. No art. 2º, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Pela seriedade da perda que tenho e a partir daí, fui adquirindo aos poucos o conhecimento dos direitos que por lei, me inclui. Com as exigências, descobri que para comprovar algum comprometimento com a saúde é necessário apresentação de laudos

médicos, geralmente é aceitável os laudos emitidos nos últimos seis meses. Fundamental que conste a data atualizada, o número do CID (Código Internacional de Doenças), assinatura e carimbo do médico responsável pela patologia, contendo o número do seu CRM. Para requerer qualquer direito como PcD, eu precisava de um laudo médico identificando a minha condição de deficiência. Solicitar o passe livre Municipal foi o primeiro dos meus direitos conquistados, tenho a gratuidade no transporte municipal. Tudo o que abrange os direitos das pessoas com deficiência, eu irei fazer uso dentro das minhas condições e possibilidades, em função desse acontecimento.

Trago a noção de acontecimento para a minha narrativa, segundo Quéré (2007) acontecimento é um fenômeno que acontece e muda, inaugura uma nova época, inaugura uma nova pessoa, inaugura um novo contexto. Assim aconteceu e acontece comigo desde então.

Na nossa experiência individual ou social, confrontamo-nos com acontecimentos de natureza diferente. Por isso temos, espontaneamente, a intuição da existência de diversas categorias de acontecimento. Há aqueles que ocorrem independentemente da nossa vontade e nos caem em cima contra toda a expectativa e aqueles cuja ocorrência provocamos e, melhor ou pior, controlamos, na maior parte das vezes, com objetivos estratégicos. Há aqueles que se produzem devido às modificações que, em permanência, atingem as coisas e aqueles que sucedem connosco. Há aqueles que ocorrem no dia-a-dia, sem que lhes atribuamos um valor particular e aqueles que se revestem de especial importância. Que são mais marcantes, ao ponto de poderem tornar-se referências numa trajetória de vida, individual ou colectiva, na medida em que correspondam a experiências memoráveis e, até mesmo, a rupturas ou a inícios.” (QUÉRÉ, 2007,p.2)

Frente ao acontecimento do acidente, diante de uma oportunidade de requerer o meu primeiro direito como pessoa com deficiência, eu precisava de um laudo médico que identificasse o número do CID para certificar a minha deficiência, que no caso são G832 e S143. Solicitar o passe livre Municipal foi o primeiro dos meus direitos conquistados, e tenho a gratuidade no transporte municipal há mais 12 anos. *O que abrange os direitos das pessoas com deficiência, eu irei fazer uso dentro das minhas condições e possibilidades.*

Me sinto movida, impulsionada a viver pelos afetos. *Não sei ser, senão ser assim.* Sou afetada por sentimentos, por atitudes e não atitudes, pela presença e pela ausência, pelo outro, pela atenção e também pela falta dela, e muitos outros motivos.

Viver e sentir tudo o que foi o meu processo de recuperação se tornou a transformação de uma vida, nesse caso, da minha vida.

Foi confuso, me sentia desorientada, perdida, mesmo não me lembrando absolutamente de nada, quando tudo aconteceu. Eu vivi para experienciar os novos momentos e o decorrer do meu trajeto pessoal. Tive uma recuperação física e psicológica, até, bastante rápida. Dois meses se passaram e já estava indo sozinha para o centro da cidade resolver as demandas que esse ocorrido me trouxe. Precisei de passar por perícias no INSS, uma vez que, tinha vínculo empregatício com a carteira de trabalho registrada. Por volta da quarta vez que estava indo na clínica de fisioterapia, comecei a ir sozinha.

Estava voltando a resolver as minhas questões existenciais, sozinha. Não consigo me lembrar bem de como foi os primeiros anos, após o acidente. Sei da tristeza que sentia, de estar efetivamente sozinha, sem a pessoa com quem tinha escolhido viver ao lado. Foi quase que o fim, para os dois, mas com o poder de Deus, não foi. Tudo aconteceu exatamente como era para ter acontecido. Pensava como seria dali em diante, tive diagnóstico de monoparesia ou monoplegia do membro superior esquerdo que é quando uma extremidade está fraca ou paralisada.

Nesse momento, me perguntava sobre como iria realizar atividades do dia a dia, apenas com um lado. Inicialmente, passou pela minha imaginação, como ficaria a minha aparência física, mas de maneira alguma, eu estava me preocupando com a estética. Aceitação era tudo que eu tinha naquele momento e tudo que ainda tenho. Imaginar tudo o que poderia ter sido afetado, como a coluna vertebral, o cérebro, que poderiam ter me deixado sem a independência e a liberdade das pernas. Com a lesão na cabeça, passei pela possibilidade de ficar desligada do mundo.

O meu emocional que nunca teve em seu perfeito estado, atualmente sei que nunca ficará, sou atingida diariamente com a realidade do que é e do que se conforma a nossa sociedade. Não questiono somente a sociedade contemporânea, mas sim, toda a existência de uma sociedade que se permitiu viver a maldade, a disputa por meio do sangue derramado, a indiferença, a exclusão e a partir dessas esferas que cito aqui, o que se gerou como consequências. Pessoas que vivem em situações de miséria, que não tem o básico para viver uma vida digna. Pensar na barriga que dói, na criança ou no adulto, seja quem for, morrer por não ter o que comer. Eu já desisti de viver várias vezes para não presenciar toda essa verdade e tantas outras situações que a sociedade insiste em perpetuar. A escravidão é assunto que está cicatrizado no meu

peito, não tenho palavras e nem raciocínio para explicar do porque fico em lágrimas e ninguém terá uma resposta para essa manifestação que eu vivo.

Os dias, as semanas, os meses e os anos foram passando e eu me adaptando com a limitação física, com a falta do cultivo emocional, mas foram passando tudo o que era para ter passado. Graças eu dou por terem ficado para trás, nos anos de 2011 e de 2012 às primeiras experiências de romance apareceram, foram o meu suporte até quando não era pra ser. Altos e baixos estavam fortemente entre nós, mas foram essas as instabilidades que modificaram tudo.

Em 2016 houve uma virada, ainda sem companhia afetiva e com o círculo de amigos cada um cuidando de si, ingressei no curso de Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal De Viçosa pelo SISU - Sistema de Seleção Unificada. Ali, comecei a observar as exclusões sentidas na pele, quando era o momento de formar grupos para a produção dos trabalhos, eu já ficava na expectativa e sentindo os resultados das formações dos grupos. Eu era aquela pessoa que preenchia buraco no grupo, os professores não davam palpites na formação das equipes.

Todas as vezes eu já ficava sentida, mas seguindo, fazendo a minha parte. O importante é cada um fazer a sua parte, não dá para fazer o que cabe ao outro, não se cuida pelo outro, observo essa dinâmica faz alguns anos da minha estrada...Essa parece ser a regra, mas sinto que podemos e deveríamos estar de alguma forma, juntos do outro, sendo apoio e força para esse alguém, essa iniciativa nós podemos ter, pois a vida não acontece de maneira restrita. Não se é e jamais teremos existência, se ficarmos sozinhos.

Finalizo mais uma etapa da minha construção humana, neste lugar que traz e faz a mudança das nossas vidas acontecerem, a universidade! É por esse propósito que não espero com os braços cruzados algo mudar, não vai mudar se eu não me preparar e ir com toda a minha luz, buscar. Também, ninguém te trará nada, isso é fato. Vou seguir por iniciativas minhas e produzir este trabalho de conclusão de curso para tratar das minhas experiências, faz da minha formação ainda mais forte e especial.

Os contextos das relações mudam e mudamos juntos, nada é estático, é natural a mudança. Um imenso contexto apareceu e outras relações apareceram. Impossível eu não deixar registrado aqui algo que há anos eu venho percebendo, sentindo. Vou me orientar pelo tempo como graduanda da Universidade Federal de Viçosa, já que em março/2023 completei sete anos como estudante. No mínimo tem quase todos os finais de semana deste tempo, principalmente todos os domingos que passava só, mas

sempre na companhia de Deus. Esse, que me fortalece o espírito. Festas de passagem de ano, em todos esses anos, não comemorei em festa, não estava acompanhada de pessoas que se dizem ser amigos, família. Em casa, todos esses momentos, agradei pelo que foi, como é e pedia por ânimo para continuar. O que vem, é incerto, então, eu busco e creio no que pode vir a meu encontro. Essas observações estão nos meus olhos, no meu coração e no meu espírito. Não posso negar essa existência.

A trajetória da minha vida sofreu mudanças significativas com o acontecimento que marca e coloca um novo curso para eu seguir. Novos olhares, novas escolhas e atitudes, são alguns dos aspectos que ganhei com a minha perda física. Perder a coordenação motora do membro superior esquerdo como sequela do traumatismo crânio encefálico e da lesão do plexo braquial, foram as marcas que, afinal, são ganhos que recebi para ser, ainda mais, diferente.

Foi preciso encontrar um novo sentido, uma nova razão para seguir e eu encontro isso nos meus afetos e na minha espiritualidade. Eu quero ser para o outro, isso me move, me tira do lugar. Não sou mulher para ficar acomodada na vida, pois, a nossa, mas principalmente a minha vida é para proporcionar calor humano, ato de solidariedade para aqueles que contam com essas manifestações e iniciativas de amor de alguém e eu sou esse alguém.

Se, a minha história com a superação, a minha mudança de ser, tocar o outro, gerar um movimento por menor que seja, de atitudes, de olhares, de compaixão pelo nosso semelhante, esses, que vivem com toda falta de uma digna alimentação, de assistência a sua saúde, de bens materiais. São também carentes de gestos, de palavras, de uma mínima atenção. Posso dizer, o quanto sinto em paz com a minha perda física, de conseguir fazer um pouco pelo outro, mesmo que com um sorriso. Fazer ainda mais pelas pessoas, eu quero.

A entrada no Curso de Comunicação Social-Jornalismo

Diferente de muitos alunos que sonharam com a profissão ou por outros motivos tenha feito a escolha pelo jornalismo, comigo foi diferente. Ingressei no curso de Comunicação Social e Jornalismo da UFV por meio da política de cotas e a escolha pelo curso foi a mais aleatória e a mais certa que fiz em toda a minha vida. As ações afirmativas especiais foram implementadas a outras categorias de cotas em março de 2018.

Sou um pouco das linhas da história dos 20 anos do curso de Comunicação Social e Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa e isso faz com que a cada momento sendo aluna, eu agradeça as minhas vivências. Como está sendo importante e gratificante buscar o meu crescimento profissional e pessoal.

Conheci pessoas que estarão sempre presentes nas minhas memórias e, a cada profissional da Universidade que passou e os que ainda passam pela minha história de vida, aos colegas que estiveram por perto quando precisava.

Encontrei pessoas dedicadas e sensibilizadas com a profissão e fazem dela meio para mudar os nossos destinos, se disponibilizando do encontro para nos tocar, tirando-nos do nosso cômodo, fazendo-nos olhar para além do nosso nariz. Os meus conhecimentos, a minha formação crítica, a minha humanidade tiveram ganho neste momento como estudante universitária. Com os projetos de extensão que participei durante a graduação, pude iniciar a minha prática da vida profissional, os projetos são os nossos laboratórios de prática jornalística.

Das oportunidades que pude experienciar durante a minha trajetória como aluna de jornalismo foi comparecer no Congresso Regional, Intercom/Expocom (Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação), no Espírito Santo, nos dias 4,5 e 6, do mês de junho de 2019. Estava presente como co-autora para assistir a exposição do trabalho apresentado pelo colega de grupo, o aluno que inscreveu o nosso trabalho prático, a fotonovela (Luiza, a menina invisível). Trabalho produzido para a disciplina de Fotojornalismo no primeiro período. Além disso, outros trabalhos também participaram do Expocom/Intercom Sudeste/UFES-2019. Outra viagem acadêmica foi uma visita técnica nas Rádios Itatiaia, CBN da TV Gazeta, Alô e a Rádio Cidade. Ambas do grupo Liberdade na cidade de Juiz de Fora, no dia 20 de maio de 2019.

Uma decisão importante que tomei no começo da minha graduação, a de cursar a primeira disciplina optativa no segundo período, em 2019, foi a disciplina de produção de notícias jornalísticas com o professor, Ernane Rabelo. Sem dúvidas, foi a minha melhor escolha, apesar de toda a minha insegurança com a escrita. Estudante do curso de Jornalismo, eu não teria para onde correr, precisava começar a trabalhar, a usar as palavras. Eu, estava sendo muito bem direcionada e instruída pelo professor nas minhas produções jornalísticas. Me dediquei e fechei com êxito o período. Meu crescimento é devagar, mas ele é contínuo.

O Projeto de Extensão, Jornal de Viçosa, acabou sendo a continuação da minha prática como jornalista. Recebemos o convite do professor Ernane Rabelo, para juntos começarmos a prestar serviço de informação, que tivesse qualidade e respeito com a comunidade. O cenário local também era de sofrimento com os efeitos negativos da pandemia.

Começamos a produzir as nossas matérias para o Jornal de Viçosa, no dia 24 de março de 2020. De forma voluntária, a apuração das pautas e os contatos com as fontes foram realizados via internet, e-mail, redes sociais ou ligações. Com o passar do tempo, o Jornal de Viçosa se transformou temporariamente em projeto de extensão e disciplina optativa do curso.

Tenho verdadeiro apreço por esse projeto que me motivou a ficar mais íntima das palavras, essa que é fascinante, poderosa e transformadora.

A proposta desde o início era trazer notícias que fossem produzidas e apuradas por nós alunos, chegando o mais próximo da realidade de um Jornal. Fui orientada pelo professor Ernane no início com as minhas produções e depois tive o prazer de conhecer e ser orientada pela professora Laene Mucci. A gente não se conhecia pessoalmente, mas os ensinamentos e a atenção dela, eu recebi. Ela também construiu comigo, o meu crescimento.

O Projeto de Extensão Inumeráveis UFV, assim como os outros projetos, me fizeram a Jamília, de hoje. A minha humanidade passa pela vida do outro, eu não posso ser, sozinha. Eu sou constituída dos meus instantes e aqueles que passei fazendo este projeto acontecer, abraçou a minha humanidade.

Rogério Zé é um dos idealizadores do "Inumeráveis", projeto nacional criado para homenagear as vítimas do novo coronavírus no Brasil, pessoas que não são apenas números, elas deixam família, amigos e uma história que teve o seu fim. Rogério entrou em contato com a Coordenação do Curso de Comunicação Social - Jornalismo com o objetivo de organizar um grupo de estudantes para se tornarem voluntários do site Inumeráveis no âmbito nacional. No dia 25 de maio de 2020, nós alunos recebemos uma chamada por e-mail da coordenadora do curso, nos convidando para participarmos da reunião online com o Rogério. Nossos encontros semanais começaram no dia 4 de junho de 2020 e permaneci no projeto como estudante voluntária até encerrarmos as nossas produções. Ao término do projeto, duas homenagens em forma de texto, junto do familiar da vítima. Registre em

algumas linhas no site do Inumeráveis, quem foi aquela pessoa para a sua família, para os seus amigos, para a sua comunidade e para nós que deixamos ser tocados.

A tecnologia me permitiu chegar até a essas famílias e a lugares distantes, sensibilizada com o atual cenário mundial e com as mortes no Brasil. O meu primeiro contato foi com uma fonte localizada no Rio de Janeiro e depois com outra de São Paulo, que perderam o pai e a mãe, respectivamente, para a COVID-19. Com os relatos dessas pessoas eu cuido das histórias e lembranças que ficaram, coloco em palavras os momentos da vida que ele(a) teve, as lições, os ensinamentos e exemplos deixados. Construí junto a essas famílias, um registro para homenagear alguém tão amado por eles. As histórias estão publicadas no site nacional do projeto *Inumeráveis*. Em conjunto, a equipe do Inumeráveis-UFV formalizou o próprio site com os textos escritos por nós. No site estamos identificados com a nossa foto e temos um cantinho para guardar somente os textos produzidos por cada um. Foi uma experiência que me colocou diretamente com a dor do outro, como não ser diferente do sensível neste processo que nos modifica enquanto pessoas?

A turma do curso de jornalismo do ano de 2018/UFV, foi formada pela grande maioria com alunos entre 18 a 20 anos de idade no seu início. Jovens com propósito de crescimento profissional e o pessoal que não se separa. Somos forças para contribuir com uma sociedade mais humanizada, assim, eu acredito na nossa capacidade de transformação. Uma sala de aula com 40 alunos, diversas personalidades e observando cada uma delas, naturalmente isso me acrescenta.

Conheci algumas narrativas de ex-alunos que também fazem parte da memória do curso na UFV e que atualmente estão no mercado de trabalho, nas grandes mídias do país. Eles são incentivos para essa futura profissional que está saindo da graduação, com todos os seus medos e inseguranças, mas que não teme o novo.

Comunicação Social e o Jornalismo foram as profissões que jamais pensei viver, mas eu me encontro aqui e cada um de vocês tem me formado. A Universidade Pública Federal, a política de cotas que vigora amenizando a desigualdade de oportunidades.

Escrever é instrumento de transformação, de luta e de crescimento. Usar as palavras para finalidades construtivas é você trabalhar em prol do bem, me sinto livre para aprender cada vez mais. As palavras criam caminhos e nesse caminho eu quero está. A pessoa e a profissional de agora, não olha mais para trás, é para o horizonte que ele fixa o seu olhar.

Afetos e sensibilidades: aparência, diferença e deficiência

A minha sensibilidade está nos meus afetos, nas vivências das possibilidades que vão me abrindo, nos privilégios que a vida nos dá naturalmente, na riqueza que identifico e percebo no sensível. Inevitavelmente, também está no sofrimento e nas dificuldades que as pessoas vivem.

O afeto se apresenta realmente como um concentrado de significado e de enigma. Trata-se de vê-lo como um encontro com o estranho e com o estrangeiro (MORICEAU, 2020), com o incompreensível (BARBA, 2011), com o sutil. (MARQUES et. al.,2021, p.20)

A vulnerabilidade do viver, a desigualdade, são as causas que mais chamam a minha atenção. São diferentes as especificidades desse contexto nacional como; a concentração de renda em poder de poucos, o número de trabalhadores informais, a deficiência de investimento na educação, a falta de políticas suficientes para o combate à pobreza, o aceleramento da urbanização, êxodo rural das populações do campo, a elevada concentração fundiária. Tratando das questões sociais, a pobreza é uma parcela considerável quando se fala em sofrimento, as pessoas estão sempre sofrendo com alguma falta. São privadas dos melhores cuidados com a saúde, com a alimentação, com a proteção do corpo. O que lhes restam é padecer na dor.

A minha sensibilidade me faz olhar para o indivíduo além do que vejo num primeiro momento, tenho vários palpites que eu poderia dar para temas de trabalhos profissionais, trabalhos voluntários, tudo o que tange falar sobre as-das-com as pessoas.

O que move as minhas buscas estão impulsionadas nos meus sentimentos. Este texto registra de maneira física as minhas memórias, que são as guardiãs que sustentam a minha vida. O meu corpo e as suas experiências são as narrativas desta pesquisa, conforme vimos anteriormente, e narrativas essas que são baseadas em minha essência e meus afetos. Sou uma jovem mulher, com histórias bonitas, especiais e muitas outras não, mas aprendi mutuamente. A minha devida atenção está em captar o aprendizado e o conhecimento destas experiências.

Tenho a minha percepção, os meus olhares ainda mais sensíveis, o que tornam constante a minha observação para as dores do outros, isso, com as fragilidades humanas, e com o sistema capitalista que, infelizmente, mata. Sou afetada com as condições de extrema miséria, de fome, com a desigualdade social que grita nos olhos das pessoas, das crianças que já nascem imersas no sofrimento de uma sociedade que exclui o diferente, que nega esse outro. Todos os que estão fora dos padrões ditados por um ideal de perfeição, sofrem de alguma forma por esse olhar que condena. Olhar que infelizmente já me condenou? (se sente à vontade e/ou quer falar mais sobre?) - Na maior parte das vezes, não senti um olhar de condenação, na verdade me sinto privilegiada por receber afetos das pessoas pelo modo como me apresento em sociedade.

Sou afetada constantemente pela vida, não somente, quando fisicamente o acidente cruzou a minha história e mudou a minha condição. A mudança foi efetivamente para o meu resgate, e aconteceu para novos sentidos surgirem, como aponta Lingis (ANO, p.41),

A virada afetiva como ética trata-se de uma pesquisa que está no centro de três relações éticas, a relação com a diferença, a relação campo estudado/leitor e a relação com o leitor - esses, são aspectos que definem uma ética do encontro como doação e gratidão (e, portanto, a partir do exterior), uma ética da surpresa e da aprendizagem”.

O corpo e a narrativa de si do pesquisador são a mídia dos afetos, eles são importantes. O pesquisador tem gênero, raça, posição social, história, conhecimento. Mas um si imerso em um mundo, afetado e afetando, sensível e sentindo, plural singular mas opaco, um si capaz de aprender, de revisar sua narrativa de si. (2018, p.41),

– Jean-Luc Moriceau, 2018 –

A citação está neste texto; Desigualdades, gêneros e comunicação

Tenho no corpo essa relação com a diferença, me aprofundar para melhor compreender essas relações me motiva. O interesse profissional e pessoal que tenho nos estudos, hoje, envolvem comunicação e afetos. Também, é uma forma de expressar meus agradecimentos, pela mudança que eu tanto quis que acontecesse, apesar de outros pesares.

“o outro não é estudado, ele não é um objeto de estudo. O encontro, o estranho, a surpresa afetam e acionam o pensamento. O encontro com o rosto nu e precário do outro é imperativo e doação. Ele afeta não apenas nossa sensibilidade, mas também nossas ontologias e categorias: o mundo como definido pelo conhecimento estabelecido ou pelo autor. O encontro é uma doação: o dado da fenomenologia, mas acima de tudo um presente trazido pelo outro e o receber com abertura, que dá a experimentar e a pensar.” (LINGIS, ano,p. 42 e 43)

Ao pensar em **pergunta**; quais contextos e relações emergem na existência contemporânea de um corpo de uma mulher quando o mesmo é atravessado por um acontecimento, gerador de uma condição de deficiência, tenho que os contextos das relações são outros, pois não sou mais a mesma, um contexto apareceu e outras relações também apareceram. Quero estar com autenticidade nos lugares e com as pessoas. Estou aberta para as trocas que acontecem no movimento de vida, essas que se baseiam em trocas materiais, trocas físicas, psicológicas e de afetos. Essa última, tenho como fundamental, uma vez que todas as esferas mencionadas tem o seu próprio valor e fundamento na sociedade.

Pode parecer uma utopia, mas prefiro sonhar e agir assim, pelo tempo que tenho como presença viva e humana aqui. Pensar nesta presença, é pensar no tempo de cada um. Ele é curto, é breve, não quero jamais perder este tempo com palavras e ações desnecessárias que não fazem nada por mim, que não me agregam. Para todos estes assuntos falados aqui, trago um pouco de mim, faço isso por meio das minhas reflexões, que em vários instantes me emocionam durante essa escrita afetiva.

Existe um sentimento que não posso deixar de expressá-lo aqui, há anos eu venho percebendo, venho sentindo. O tempo que tenho de graduação na Universidade Federal de Viçosa, os sete anos, me servem como orientação e me amparam no raciocínio para falar sobre o tempo que sozinha eu seguir. Foram quase todos os finais de semana deste tempo, principalmente todos os domingos que eu passei com a minha própria companhia e Deus. Esse, que me fortalece o espírito. As comemorações que são marcos da sociedade contemporânea, como a passagem de final de ano, tantos feriados nacionais, ou simplesmente os finais de semana. Eu não estava acompanhada das pessoas que se dizem ser comigo. O quanto senti profundo essa ausência, mas não lamento, foi combustível para eu seguir. Em todos esses momentos que mencionei, eu agradecia pelo o que foi e como aconteceu. Contudo, penso claramente na dinâmica da incerteza, o amanhã pode não existir para qualquer um de nós. Assim, as minhas ações e buscas estão concentradas em fazer, hoje o melhor que eu puder para o meu bem-estar.

Quero estar aberta para as minhas possibilidades e oportunidades, para o novo que chega na minha trajetória de vida. Sozinha eu jamais quero caminhar, se por alguns períodos for preciso, eu estarei me restaurando, me refazendo, o que somos se não formos capazes de nos reconstruir?

Toda a minha vivência é observada por entre os meus olhos, por entre os meus afetos e meu espírito. Não posso negar essa existência espiritual que habita e sinto no meu ser.

Tal acontecimento marca e coloca um novo curso a seguir. Outro olhar, outras escolhas e atitudes, são alguns dos aspectos que ganhei com toda a minha experiência. Perder a coordenação motora do membro superior esquerdo, foi a marca que, afinal, me trouxe para viver um novo ser, ainda mais,

disposta. Encontro nos meus afetos e na minha espiritualidade um novo sentido, uma razão para manter a minha força interior viva.

Agir em favor do outro, me move, me tira do lugar. Não sou mulher de me acomodar na vida, pois, a nossa, mas principalmente a minha vida é de movimento em direção ao bem comum.

Se a minha história com a superação, for capaz de tocar o outro, gerar um movimento por menor que seja, de atitudes, de olhares, de compaixão pelo nosso semelhante. Esses, que não têm uma vida, que seja digna. Sofrem no corpo com a falta de alimentação, sofrem sem assistência adequada à saúde, não têm acesso a bens materiais, básicos, os que sofrem todas as formas de preconceito. São também, carentes de gestos, de palavras, e de uma mínima atenção.

Acredito que o povo tem o poder para modificar e criar as leis, mas é lamentável passarem décadas para que possamos presenciar algumas mudanças acontecendo no poder público. Enquanto as mudanças acontecem a passos lentos no governo, cuidamos nós uns dos outros aqui. Reforço que todo o meu processo de enfrentamento foi válido, ainda mais, se eu estiver tocando os corações das pessoas com o meu exemplo.

Gratidão é uma atitude necessária por esses dois momentos, desse milagre chamado vida. Motivos, sentimentos para seguir o meu caminho eu vivencio, e é forte o querer fazer pelo outro, pelos meus pais, pela moradia deles, por meus irmãos e o que eu puder fazer de certo modo por toda a família. Atualmente, eu acredito que estou fazendo, faz um ano e quatro meses que me disponho a passar as noites na casa da minha avó materna. Ela se chama Maria Luisa Firmino Lopes, com 86 anos e convive com uma doença rara, chamada Retinose pigmentar. O tempo que estou lá além da noite, estou cuidando dos afazeres domésticos da sua casa, sinto paz em fazer por ela, deixar a sua casa limpa para o seu convívio. Administro 24h do dia em três, a casa dela, a casa dos meus pais que é onde estão as minhas coisas e o tempo com as aulas da minha graduação que já estão sendo finalizadas neste mês de dezembro, em 2022. A minha construção profissional, se fez em razão da educação pública de qualidade, que tenho aqui tão perto do lugar onde cresci. Contudo, nos contextos do fim do governo anterior, ela sofreu bruscos ataques. A sua eficiência e produção estavam ameaçadas, os seus produtores sendo prejudicados de continuar com os estudos e as suas pesquisas, até mesmo de possuir básico para a própria sobrevivência. Tratar a educação como prioridade em qualquer meio, lugar, pois são muitos os questionamentos que nos deparamos por aí. O que não se pode negar, é o poder de transformação que pertence a somente ela. Possibilidade de uma vida mais humana e

digna, de fazer com que o sentimento de força tome lugar na sua vida. Ela me trouxe o principal motivo da esperança que tenho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um corpo que se propõe a ser motivo de exemplo, de admiração e esforço e de certa maneira, este corpo continua se movimentando, produzindo, sentindo e vivendo

todos os seus desafios. Não se imobilizou, mas pelo contrário, seguiu caminho, vai abrindo outros e deseja inspirar pessoas a seguirem o seus próprios caminhos. Toda iniciativa é individual, as nossas buscas é que irão trazer a satisfação interior e exterior para cada um de nós, essas mesmas que são impossíveis de serem dadas por alguém, senão por nós mesmos.

Tenho planos que me movem em busca de realizá-los; o ensino superior, é quase uma conquista, trabalhar com a comunicação é o que quero fazer. Desejo que o estudo e o meu trabalho me proporcionem uma vida mais segura. Estou fazendo de cada dia, um pouco mais, “devagar e sempre” como diz o ditado popular, é um dos lemas de ordem que me orienta.

Eu tenho e sinto a alegria de olhar para os meus desafios passados, para os atuais e até para os que ainda não tenho. Mesmo quando tudo nos leva a pensar, que os desafios são algo negativo, eles não são, se tornam a própria oportunidade de mudança e de evolução para nós enquanto raça humana. A partir dos meus afetos, posso sentir que estão com eles o meu entendimento de vida. Essa é a razão pela qual, as escolhas e as práticas humanas que são contrárias ao bem de outras, me tiram do lugar e me mostram o que eu não gostaria de reconhecer. O bem-querer não tem lugar diante deste cenário onde atos que ferem o outro, ganha território e domínio.

Natural que com o passar do tempo, com as experiências naturais que todos nós estamos sujeitos a vivenciar, os nossos enfrentamentos, outras vezes, até o que nós suportamos, está todo meu amadurecimento. Contudo, tenho também a minha idade, que tanto gosto, junto dela eu tenho me elevado. O acontecimento também contribui em peso para tudo que se tornou novo na minha história.

Já a minha formação profissional se faz em razão da educação pública, que tenho aqui tão perto do lugar onde cresci. Contudo, nos contextos do fim do governo anterior, ela sofreu bruscos ataques. Com a educação o que não se pode negar, é o poder de transformação que pertence a somente ela. Tratar a educação com o seu verdadeiro valor, é basilar para que sejamos livres de uma sociedade opressora.

Olhar para além do que nos acontece, do que nos afeta, possibilita ver a mudança, conhecer possíveis caminhos, me permitir foi o que o acontecimento me trouxe. Nestes últimos sete anos os quais eu comecei a trilhar o caminho do ensino superior, aqui na Universidade federal que está a poucos quilômetros de casa, foi a ocupação mais preciosa do meu tempo.

Olhar para além do que nos acontece, do que nos afeta, possibilita ver a mudança, conhecer possíveis caminhos, me permitir, foi o que o acontecimento me trouxe. Nestes últimos sete anos os quais eu comecei a trilhar o caminho do ensino superior, na Universidade que fica a poucos quilômetros da minha casa, foi a ocupação mais preciosa que vivenciei no tempo que passei me renovando, me refazendo após o meu acontecimento.

Caminhar seja para qual direção eu escolher, é certo os obstáculos, as dificuldades que vou encontrar, e claro, eu encontro, mas presumo as possibilidades de melhorias que tenho ao longo do meu percurso e no tempo certo, elas chegam.

Sou uma contínua renovação, novas percepções vou adquirindo, depois de tudo o que suportei e vou suportando, tudo vai me servindo como base, vai me estruturando. Nada acontece sem motivos, sem que nada se altere, o especial nisto, é que a mudança devagar, ela chega e permaneço em alerta para direcionar essa mágica possível para que os caminhos me levem para outros lugares, para diversas outras experiências, e, que possíveis surpresas cheguem junto.

É imensa a minha valorização e admiração pela educação e pelos seus educadores. Eis o profissional que torna todos os outros profissionais possíveis de existirem e de se encontrarem. Em uma sala de aula aprendendo sobre a educação popular e a educação do campo, em 2016, conheci o incomparável educador e filósofo brasileiro, Paulo Freire, a personalidade que tive o enorme prazer de ouvir falar. Considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia no mundo e o Patrono da Educação Brasileira. O seu esforço teórico estava relacionado intensamente para a crítica da educação bancária presente no seu tempo. Educação que segue uma lógica de depósitos de conhecimento no aluno, esses que apenas estão em posição de recepção. Posto isto, Paulo Freire, sugere uma educação que dialogue com a realidade do indivíduo.

Em seu livro mais famoso, a Pedagogia do Oprimido (1970), ele discorre e reflete sobre a diferença existente entre opressores e oprimidos e apresenta os lugares de cada um numa sociedade injusta. Paulo Freire, segundo conta a história de sua vida, conheceu a pobreza e a fome na infância no decorrer da depressão de 1929. Uma vivência que o fez, mais tarde, preocupar-se com os mais pobres e a desenvolver o método de alfabetização de adultos. Método que enfatiza o poder transformador da palavra. Para Freire, ela deve ser usada para transformar a realidade. Paulo Freire, foi e é exemplo vivo de que podemos pensar e fazer pelo outro.

Tenho um verdadeiro apreço pelo poder das palavras, elas possuem a cura, elas carregam consigo o amor, a magia de fazer a transformação possível acontecer. É o que nos abre caminhos, horizontes possíveis pelos quais podemos passar, mas ao mesmo tempo elas podem destruir, autorizar para que grandes sofrimentos aconteçam, como foi o caso das grandes guerras, conflitos, o holocausto. Também tenho no meu pensamento as palavras de ordem para matar, executar, maltratar, torturar. Manifesto em palavras as minhas inquietações, eis o poder que tenho comigo, trazendo para público as minhas fragilidades, mas também as minhas forças. Este é o poder que quero fazer das palavras na minha vida, de usá-las para me colocar em trabalho do e para o outro, para aproximar as pessoas de outras, para buscar pela a alegria e deixá-la por perto dos lugares onde eu estiver, onde eu habitar. A Palavra é o instrumento de ordem, instrumento o qual a Democracia nos rege. Com as orientações deste poder eu vou seguir.

O meu encontro profissional aconteceu na graduação do curso de Comunicação Social e no Jornalismo na Universidade Federal de Viçosa, em 2018. Não consigo e não posso afirmar em qual das diversas esferas da profissão eu vou iniciar os meus trabalhos, mas sei que, seja no que e onde for, estarei com o meu coração e a minha humanidade para trabalhar em prol de outros, de contribuir com a Democracia que nos civiliza.

Com quais contextos novos esse corpo precisa lidar - Hoje, posso testemunhar que nem tudo que, a priori, inicialmente seja ruim de viver, será o dito final. As mudanças e as surpresas são parte fundamental do processo de volta à vida. Penso se não estivesse atenta para abraçar e vivenciar as minhas oportunidades e as minhas novas possibilidades, estaria parada no tempo, este que não permite pausas e voltas, é sempre um movimento contínuo.

Para que eu conseguisse viver bem e de maneira saudável, tentando encontrar o equilíbrio das minhas emoções, dos atravessamentos que deixaram cicatrizes dentro e fora. A minha fé me sustentou e me mantém firme, seguindo adiante. A vida acadêmica com os meus compromissos, aulas, encontros, conversas, tudo isto, me proporcionou total apoio para que o meu equilíbrio emocional acontecesse.

Fui capaz com os meus próprios esforços de me superar. O que para muitos estudantes isto seria um motivo reverso, mas a minha ocupação acadêmica foi crucial naquele período da minha trajetória.

Dois marcos importantes eu tenho para localizar a minha narrativa, essa o qual eu estou expondo aqui. Está fácil e claro para fazer as minhas observações, nenhum argumento vai bater de frente com as minhas marcações de tempo. O primeiro marco está após a data de 26 de abril de 2009 e o segundo marco no dia 07 de março de 2016. O tempo do acidente que me atravessou a vida, e o início da minha graduação que chega e me atravessa de outra forma. São perdas e ganhos caminhando juntos.

Quando os mais diversos contextos surgirem, eu saberei o que fazer, e quando não conseguir sozinha, pedir por ajuda é algo que faço sem o menor receio. Reconheço nossa pequenez, nada somos e nem fazemos sozinhos. Me coloco à disposição dos outros, sei que posso está apoiando com uma simples informação, orientação para a demanda que aquela pessoa tenha no momento. Sou tocada pela necessidade do outro, e ter uma resposta que atenda a sua busca, me faz bem, me preenche de algum modo.

Algo que preciso lidar e cuidar, é da minha sensibilidade, das minhas emoções, elas são parte da pessoa que sou, são como os meus guias. Sou assim, de olhar para os lados, para as pessoas. Ter conhecimento e amplitude das questões sociais presentes no mundo, são questões que mexem comigo e tenho consciência do sofrimento que as pessoas enfrentam para vencer sempre um dia a mais. Prioritariamente eu escolho valorizar a vida e as pessoas, principalmente a vida na esfera social que é afetada diretamente. As emoções felizes também são sentimentos que me comovem. O simples fato de assistir as apresentações de talentos das pessoas, de grupos, duplas ou individualmente me trazem emoções que são puras de sentir, que me dão alegria. São vozes, expressões corporais, a produção da magia e de encantamento com objetos, tudo divino, mas também consigo fazer um paralelo com os meus sentimentos que me entristecem. Quando vejo, presencio ou ouço falar das mazelas humanas. Essas manifestações emocionais pertencem a minha intimidade, pertencem ao ser que habita em mim. São indícios dos incômodos que tais afetações tornam-se minhas. As emoções que são produzidas por pessoas para outras pessoas, somente são possíveis de serem impactantes, pois são manifestados por gente que é tocada por algo não visível, por sentimentos não explicáveis.

O que esse acontecimento inaugurou uma vivência carregada de sentidos e por incrível que pareça, ganhou tantos outros novos sentidos. Inauguro um novo olhar para as coisas cotidianas, para a valorização do comum, e, também agradeço por todo o processo de dor, de perdas que possibilitaram o surgimento de uma nova pessoa na mesma pessoa. Me sinto disposta para os meus enfrentamentos, e, ainda mais esclarecida como nunca estive sobre como quero seguir. Atenta ao tempo que me acompanha, e, entendendo que a cada ano ele vai se esgotando. Sinto os meus afetos me tocando, me surpreendendo,

tomando tudo que sou, e, diante da possibilidade de compartilhar a minha experiência, palavras e definições com os quais eu poderia retratar e falar são insuficientes para explicar o que aconteceu comigo, o que sentia. Busco de certa forma testemunhar a capacidade e a força que este corpo quer constantemente vivenciar, usufruir do novo que chega. (acrescentar um novo parágrafo aqui). Inauguro também a minha **entrada no curso de Comunicação num segundo momento**, foi diferente de muitos alunos que sonharam com a profissão ou por outros motivos tenham escolhido o curso de jornalismo. Ingressei no curso de Comunicação Social e Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa - UFV, por meio da política de cotas e a escolha pelo curso foi a mais aleatória e a mais certa que fiz na vida. Tais ações afirmativas, as cotas para pessoas com deficiência foram implementadas a outras categorias de cotas em março de 2018. Pertencço a este primeiro grupo de alunos PcD que a Universidade recebeu.

Sou parte da história dos 20 anos do curso de Comunicação Social e Jornalismo e isso faz com que a cada momento, eu reconheça o meu lugar, e a minha oportunidade. Foi importante e gratificante buscar todo o meu crescimento humano. Faço uma ressalva para os docentes do Departamento de Comunicação, pessoas que conheci, que atravessaram a minha história, trazendo um pouco de si, me transformaram em alguém melhor. Vocês são linhas na minha narrativa de vida, fazem parte da minha cura. A minha memória tem mais beleza pelas lembranças de vocês. **A todos os profissionais da Universidade que passaram e os que ainda passam, e aos colegas que estiveram por perto.** Encontrei pessoas dedicadas e sensibilizadas com a profissão e fazem dela meio para mudar os nossos destinos, fazem do encontro caminho para nos tocar. O conhecimento e o ganho de um olhar crítico, a vida estudantil me proporcionou. Os projetos de extensão me possibilitaram durante a graduação, um pouco da realidade da profissão, os projetos de extensão são os nossos laboratórios para a prática jornalística.

Encontrei um amor que não sabia existir no meu coração; escrever, usar as palavras como instrumento de transformação, de luta e de crescimento. Ter as palavras como aliadas, para finalidades construtivas é você trabalhar em prol do bem, me sinto livre para aprender cada vez mais. As palavras criam caminhos e nesse caminho eu quero estar. Ter a minha formação profissional voltada para o setor de comunicação e do jornalismo, aumenta a minha capacidade para chegar próximo das pessoas, de outros profissionais e viver a troca do contato humano. A gente cresce junto, transformamos algo juntos. Vivo a ansiedade prazerosa dos caminhos, dos lugares e das pessoas que me aguardam chegar.

O poder que a informação, o jornalismo carregam são chaves, o gatilho para que novos olhares sobre os fatos possam surgir, para que as transformações aconteçam **e que as pessoas possam captar a crítica que a informação produz.**(**dúvida de usar ou não a frase**). Trabalhamos por uma Democracia ou (em prol de **uma Democracia**) que abranja todas as pessoas. Certa vez disse, Pe Fábio de Melo em um programa televisivo, "Esse é o poder do jornalismo. Colocar uma lente de aumento naquilo que está esquecido, sofrido muitas vezes na solidão."

Dar visibilidade para a realidade vivida por milhares de pessoas, é isso mesmo, são milhares de pessoas sobrevivendo na miséria, em um país rico em tantos aspectos. Possam conhecer a lástima de muitas vidas, conhecer para onde, muitas das vezes os grandes proprietários, políticos querem um país melhor, mas, na verdade é, melhor para eles. Que assim, por meio do jornalismo, todos tenham a oportunidade de se informarem, de terem este trabalho que, sempre que preparado e produzido por veículos de **informações sérios (plural ou não)**, que buscam retratar o mais próximo do ocorrido para o receptor.

O meu olhar segue atento para o momento presente, o que escolho hoje, é a minha colheita amanhã, que é um dia incerto para todos. Então, como não ser grata ao final do dia atual e pelo início de outro? Agradecer é a minha atitude por esses dois momentos, o começo e o término de um dia, que tenho como graça vivenciar e sentir.

REFERÊNCIAS